



As inovações do Séc. XIX Goya: um homem sem “ismos”

8º ANO	ARTE	PROF. SÉRGIO / SUSSUMO	2º BIM
---------------	-------------	-------------------------------	---------------

As pinturas do artista espanhol Francisco Goya (1746-1828) não se encaixavam em categoria alguma. Sua obra só tinha sido influenciada pelo Realismo de Velázquez, pela visão de Rembrandt e, como ele dizia, pela “natureza”. Goya foi rebelde toda a vida. Libertário que se opunha firmemente a todo tipo de tirania, o artista espanhol começou como desenhista semi-rococó de cenas divertidas para tapeçarias. Então tornou-se pintor de Carlos IV da Espanha, cuja corte foi notória pela corrupção e pela repressão. Observar o vício da corte e o fanatismo da igreja transformou Goya num amargo e satírico misantropo.

Sua obra era subjetiva como a dos românticos do século XIX, no entanto Goya é saudado como o primeiro pintor moderno. Suas visões de pesadelos expondo a maldade da natureza humana e sua técnica original de cutiladas nas pinceladas o tornaram um pioneiro da angustiada arte do século XX.

“A Família de Carlos IV” de Goya é uma pintura da corte diferente de todas.



“A Família de Carlos IV”, Goya, 1800, Prado, Madri. A monarquia espanhola era tão fútil e imbecil que não reparou que Goya a retratava em toda a sua ostentação.

O rei robusto, de rosto vermelho, carregado de medalhas, tem ar de suíno; o trio de olhos aguçados à esquerda (incluindo uma senhora idosa, com uma marca de nascença) tem aparência completamente predatória, e a rainha parece inspidamente distraída. Os críticos se maravilharam

com a estupidez dos 13 membros de três gerações da família por não terem se dado conta do quão visivelmente Goya expôs a afetação. Um crítico assim descreveu o grupo: “Um dono de mercearia e sua família, tendo acabado de ganhar o grande prêmio da loteria.” A pintura era uma homenagem do artista à obra “As Meninas”, de Velázquez. Goya – como seu antecessor – colocou-se à esquerda atrás de uma tela, registrando impassivelmente o desfile de arrogância real.

ARTE DE PROTESTO SOCIAL – Goya foi igualmente bruto ao revelar os vícios da Igreja e do Estado. Seu desgosto em relação à humanidade seguiu-se a uma doença quase fatal em 1792, que o deixou completamente surdo. Durante a recuperação, isolado da sociedade, começou a pintar demônios do seu mundo interior de fantasia – início de uma preocupação com criaturas bizarras, grotescas, em sua obra madura.

O pintor também foi mestre em artes gráficas. Suas 65 gravuras “Os Desastres da Guerra”, de 1810-14, são francos exposés das atrocidades cometidas por ambos, o exército francês e o espanhol, durante a invasão da Espanha. Com precisão sangrenta, reduziu cenas de tortura bárbara ao básico horror. Seu olhar sobre a crueldade humana era firme: castrações, desmembramentos, civis degolados empalados em árvores nuas, soldados desumanizados contemplando indiferentemente corpos linchados.

“O 3 de Maio de 1808” é a resposta de Goya ao massacre de cinco mil civis espanhóis. As execuções eram represália a uma revolta contra o exército francês em que os espanhóis foram condenados sem levar em conta culpa ou inocência. Aqueles que possuíam um canivete ou uma tesoura (“armas portáteis”) foram obrigados a marchar diante do pelotão de fuzilamento em lotes.

A pintura tem o aspecto imediato do fotojornalismo. Goya visitou o cenário fazendo esboços; no entanto, porque se desvia do Realismo, dá a ela uma força adicional.



“O 3 de maio de 1808”, Goya, 1814-15, Prado, Madri. Goya protestou contra a brutalidade da guerra, individualizando os rostos das vítimas do pelotão de fuzilamento – este, sem cara. O poeta Baudelaire exaltou Goya por “dar à monstruosidade o toque da verdade”.

Ele iluminou a cena noturna colocando no chão uma lâmpada que projetava uma luz forte. No fundo, a igreja está escura, como se toda a luz da humanidade tivesse se extinguido. Cadáveres ensanguentados se lançam em direção ao espectador, enquanto uma fila de vítimas se estende na

distância. As vítimas do momento constituem o foco de interesse, com um homem de camisa branca de braços bem abertos num gesto desafiador, mas impotente, lembrando o Cristo crucificado. As sombras ácidas e a ausência de harmonia na cor sublinham a violência do evento.

Em outras pinturas daquela época, a guerra era sempre apresentada como um espetáculo glorioso e os soldados como heróis. Goya contrastou os rostos das vítimas e os gestos desesperados com as figuras sem rosto, parecendo autômatos, do pelotão de fuzilamento. Apesar de a surdez ter isolado Goya da humanidade, ele comunica apaixonadamente seus fortes sentimentos a respeito da brutalidade e da desumanização da guerra.

ESTILO TARDIO: PINTURAS NEGRAS. Goya ficou obcecado com a descrição do sofrimento causado pela intriga política e pela decadência da corte e da igreja espanholas. Disfarçava sua repulsa, porém, com sátira, como nas perturbadoras “pinturas negras” que fez nas paredes de sua vila, Quintal del Sordo (casa do surdo). Os 14 grandes murais em negro, marrom e cinza de 1820-22 apresentam monstros assustadores engajados em atos sinistros. “Saturno Devorando Seus Filhos” retrata um gigante voraz com olhos abertos, lunáticos, enviando o corpo dilacerado, decapitado, do seu filho no papo. A técnica de Goya era tão radical quanto sua visão. A certa altura, executou afresco com esponjas, mas suas pinturas satíricas foram feitas com pinceladas amplas, ferozes, tão ardentes quanto os eventos retratados.

Goya morreu na França, num exílio auto-imposto. Teve vinte filhos, mas não seguidores. Seu gênio era por demais único e suas simpatias intensas demais para se repetirem.

REFERÊNCIA

STRICKLAND, Carol. Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno / Carol Strickland; tradução Angela Lobo de Andrade. –Rio de Janeiro: Ediouro, 1999. (adaptado)